



POESIA, CHÁ E TORRADAS NO CAFÉ CENTRAL: O EXISTENCIALISMO NA LITERATURA PARAENSE (1946-51)

Dawdson Soares Cangussu¹

RESUMO: Este artigo discute a presença da literatura contemporânea dos anos 40, principalmente a influência da filosofia existencialista, na literatura dos jovens poetas que publicaram no suplemento literário *Arte-Literatura*, que circulou com o jornal *Folha do Norte* entre os anos de 1946 e 1951, dando destaque a dois nomes: Benedito Nunes e Mário Faustino. Este trabalho procura visualizar na literatura dos jovens da *Turma do Central* um desencanto em relação ao seu passado recente, tanto no âmbito político-social quanto no literário. O trabalho também analisa o papel do suplemento *Arte-Literatura* na atualização e formação da identidade intelectual desses jovens que propuseram novos rumos à literatura local. No aporte documental, a narrativa baseou-se, em grande parte, no Suplemento Literário da *Folha do Norte*, bem como em vasto material bibliográfico regional, nacional e estrangeiro.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; modernismo; existencialismo; Turma do Central.

ABSTRACT: This article discusses the presence of the contemporary literature of the 1940s, especially the influence of existentialist philosophy and literature, in the writing of young poets who published in the literary supplement *Arte-Literatura*, which circulated with *Folha do Norte* newspaper between 1946 and 1951, highlighting two names: Benedito Nunes and Mário Faustino. This article Work seeks to visualize in the literature of the youth of the *Central Group* a disenchantment with respect to its recent past, both politico-social and literary. The paper also analyzes the role of the *Arte-Literatura* supplement in the updating and formation of the intellectual identity of these young people who proposed new directions to the local literature. In the documentary contribution, the narrative was based largely on the Literary Supplement of *Folha do Norte*, as well as on vast regional, national and foreign bibliographic material.

KEY-WORDS: literature; modernism; existentialism; *Class of the Central*.

A literatura brasileira, a partir da segunda metade da década de 1940, seguiu um caminho antes dificilmente traçado, que foram os caminhos dos interiores, onde poetas tiveram contato com o que de mais novo havia na literatura mundial. Conforme Bastos, Rident e Rolland (2003), neste contexto de redemocratização

surgiram as revistas e os suplementos literários que viabilizaram tal expansão da produção literária, fazendo frente a tradicional predominância dos grandes centros culturais do país, sobretudo com o diálogo com a literatura estrangeira.

A busca pelo sentido da existência humana tornou-se foco da produção literária. Segundo Mendes (1947, p. 2), essa poesia “transmite a verdade oculta das coisas, o sentimento misterioso da vida e o significado secreto do universo”. A poesia alcançou, na acepção de Wilder (1965), uma forma mística, transcendental, em grande parte influenciada por existencialistas tais como Joyce, Yeats, Rilke e Sartre.

O diálogo com a filosofia de inspiração existencialista, a partir da década de 1940, fez com que a literatura e a crítica literária paraense tomasse novos meandros. Dentre os intelectuais que influenciaram sobremaneira os jovens da *Turma do Central* podem-se destacar dois: Rainer Maria Rilke e Jean-Paul Sartre. Ambos tiveram suas ideias amplamente reproduzidas em diversos países e por muitos intelectuais.

O existencialismo espalhou-se pelo mundo, não numa relação apenas unilateral. E no caso da geração de 45 não se pode entender essa presença do existencialismo somente por um lado, pelo sentido Europa-América. Deve ser entendida também pelo lado da busca pela atualização da literatura que os “*novos*” travaram através da criação de revistas e suplementos em diversas regiões do país. Prova disso, para efeito de exemplo, foi a intensa publicação de artigos e poemas de intelectuais e poetas de outras regiões do país e de traduções de diversos intelectuais estrangeiros, sobretudo os existencialistas, no Suplemento *Arte-Literatura*, do Jornal Folha do Norte. A poesia dos novos modernistas paraenses, a partir de 1946, entrou em diálogo com o que havia de mais moderno no mundo da literatura, e a tendência mais em voga era o existencialismo.

Diversas poesias e artigos de crítica literária de vários autores existencialistas foram traduzidos e publicados no *Arte-Literatura*. Podem-se citar alguns, tais como o “*Poema III*”, de Rainer Maria Rilke, traduzido por Paulo Plínio Abreu e publicado em maio de 1946; “*Torso Arcaico de Apolo*”, também de Rilke, soneto traduzido por Manuel Bandeira e publicado em novembro de 1946; poema sem título, de Walt Whitman, traduzido por Ruy Barata e publicado em fevereiro de 1947; “*A arte literária de Jean-Paul Sartre*”, texto de teoria literária de Labin Suzanne, publicado em abril de 1947; “*Rilke e a poesia lírica*”, artigo de crítica escrito por Euryalo Cannabrava, publicado na mesma data; “*Retorno às fontes da poesia*”, artigo de Wilson Martins, que destaca o simbolismo de Valéry, Baudelaire e Mallarmé; “*Poema*”, de Rilke, traduzido por Paulo Plínio Abreu e publicado também na mesma data; “*O escritor e a nossa época*”, de Albert Camus, publicado em 1949; “*Considerações sobre A Peste*”, de Benedito Nunes, publicado em janeiro de 1951. Esses são alguns

exemplos do diálogo entre o grupo paraense e a filosofia existencialista e a poesia simbolista.

No período pós-guerra o existencialismo se destacou com os escritos do francês Jean-Paul Sartre (1905-1980). Em 1944, quando a França consegue se libertar da ocupação nazista, em Paris explode o pensamento existencialista que depois se propaga para o mundo inteiro. Segundo Artinian (1972), Sartre foi a figura central do existencialismo. Ele denunciou as várias formas de injustiça e opressão e as torturas ocasionadas pelos regimes totalitários no sentido de restaurar a liberdade e a dignidade dos oprimidos. O ponto de partida do existencialismo sartriano é a subjetividade, o *cogito* cartesiano que apreende a verdade absoluta da consciência na intuição de si mesma. Na subjetividade existencial, porém, o homem não atinge apenas a si mesmo, mas também os outros homens, como condição de sua existência. Para Stuart M. Brown Jr. (1948), dentro do movimento existencialista como um todo, a peculiaridade da obra de Sartre recai em seu ateísmo confesso.

Conforme Cohen-Solal (2005), de 1945 a 1960, Sartre viveu o seu período de apogeu, pois, na primeira metade dos anos 40 ele pouco produziu em comparação com os anos posteriores. Neste ínterim as obras de Sartre eram quase que como leituras obrigatórias, apesar de algumas manifestações contra sua filosofia nos países orientais. Alguns nomes reforçam tamanha abrangência, tais como o de Jorge Amado, no Brasil; na Argentina, Ernesto Sábato; no Peru, Mario Vargas Llosa. Nos Estados Unidos, Arthur Miller, Susan Sontag e Edward Said; no Japão, Kenzaburo Oé; na Inglaterra, George Steiner e Salman Rushdie; em Israel, Amos Elon e David Grossman; na Polônia, Adam Michnik; na Alemanha, Hans Magnus Enzensberger, Jürgen Habermas; na Suécia, Jan Myrdal; na Itália, Umberto Eco e Alberto Moravia.

Dentre os temas mais debatidos e reproduzidos da obra sartriana, conforme Newman (1996), está a noção de engajamento, que significa a necessidade de um determinado pensador estar voltado para a análise da situação concreta em que vive, tornando-se solidário aos acontecimentos sociais e políticos de seu tempo. Pelo engajamento, a liberdade deixa de ser apenas imaginária e passa a estar situada e comprometida na ação. Adorno (1973, p. 53) afirma que, para Sartre, “o sentimento conceitual da criação poética permanece o pressuposto do engajamento”. Os humanos existem e atribuem à sua “*existere*” um significado, ou seja, se constroem livremente já que não há um modelo para o homem, logo, ele será o que projetar e seus atos o fizerem ser. Para Sartre o destino do homem depende dele mesmo. Isso por que a liberdade que o ser possui o permite construir seus próprios valores e, portanto, o torna totalmente responsável pelos seus atos. Sartre rejeita enfaticamente a ideia de causas inconscientes dos fatos psíquicos; para ele tudo que está na mente é consciente.

Rompeu com a psicanálise por esta retirar a responsabilidade do indivíduo ao invocar a ação de uma força subconsciente e estados mentais inconscientes, que, para Sartre, não existem.

Para Yovel (1979, p. 491), Sartre recusa a concepção tradicional, segundo a qual o ser humano possuiria uma essência dada a *priori*. Isto implicaria na aceitação de que o ser humano, primeiramente, surgiria na sua radical espontaneidade e depois se definiria. O primado da existência significa precisamente o ato de projetar-se, de lançar-se a frente de si mesmo, de fazer-se e de assumir-se no mundo.

Sua preocupação é de que o homem, diante de suas escolhas, assuma a responsabilidade de uma opção. Essa responsabilidade é que gera a angústia, pois cada indivíduo está pronto a escolher tanto a si como a humanidade e não escapa a essa situação. Segundo Brown Jr. (1948), o princípio de Sartre é a não existência de Deus, onde o homem não teria ao que se apegar, sendo, portanto, livres e responsáveis por seus atos.

Quais as razões do fascínio intelectual exercido por Sartre sobre a Geração de 45 no Brasil? Para responder a esta questão pode-se recorrer acertadamente a uma entrevista de Benedito Nunes (2006). Para o filósofo paraense, há três razões para tanto fascínio: a primeira recai na fisionomia singular da obra de Sartre, seu estreito vínculo entre literatura e filosofia que iniciou quando ainda era criança e o fez cair no império das palavras e aprender a ver o mundo através da linguagem. Esse foi o vínculo mais íntimo de sua personalidade de escritor. Ainda menino, aos sete anos de idade já recopiava e imitava as aventuras de Júlio Verne, adotando desde cedo uma pose de diligente e vergado todos os dias sobre a mesa de trabalho. Aos 19 anos, depois de ler "*Os dados imediatos da consciência*", de Henri Pégson, compreendeu que a filosofia servia à verdade e decidiu servi-la.

O esboço da filosofia de Sartre, ainda segundo Nunes, delineou-se em um romance, "*A náusea*" (*La nausée*), origem de sua fama, iniciado em 1931 e concluído em 1937, e que narra as "aventuras extraordinárias de Antoine Roquentin", em Bouville, pequena cidade francesa de província. Concentrado na descrição da vida interior do personagem, um historiador de profissão ali se hospeda com o objetivo de escrever a biografia de certo marquês. O romance, moderno pela feição episódica da narrativa, desenvolve-se como um só monólogo, por meio de anotações de diário que registram o progresso de uma subjetividade em crise. Inadido pelo vulto extraordinário, obsessivo, que as coisas e as pessoas assumem aos olhos de Roquentin, circundadas por um ar de estranheza, a vida interior do personagem se desarticula, perdendo seu centro. É uma experiência avassaladora que culmina diante de um pé de castanheira do jardim público de Bouville. Antoine Roquentin olha a raiz da árvore e vê uma

“massa negra e nodosa” que o ameaça, dentro de um jardim inóspito, viveiro de coisas inclassificáveis e inexplicáveis, que não se ajustam aos nomes que lhes são dados; que estão despidas do aspecto familiar com que os hábitos do ser as revestiram, cada qual se instala como realidade excessiva, bruta, nauseante, que engolfa a consciência. Mas daí surge a súbita iluminação reveladora da *existência*, gratuita e injustificável:

Este momento foi extraordinário. Eu estava ali, imóvel e gelado, mergulhado num êxtase horrível. Mas no seio mesmo desse êxtase alguma coisa nova acabava de aparecer; eu compreendia a náusea, eu a possuía. Para dizer a verdade, não formulava minhas descobertas. Mas creio que agora me será fácil colocá-las em palavras. O essencial é a contingência. Quero dizer que por definição a existência não é necessária. Existir é *estar-aí*, simplesmente; os existentes aparecem, encontram-se, mas jamais podemos deduzi-los (SARTRE, 1986, p. 42).

A Náusea constitui-se numa primeira tentativa de exposição das ideias do autor em relação à contingência. Da pretensão de ser um tratado metafísico, Sartre acaba redigindo-o em forma de diário. Roquentin é o protagonista, que anota com precisão suas impressões sobre o dia-a-dia na pequena cidade de Bouville. Ironicamente Bouville significa “cidade da lama”, isto é, uma cidade onde se vive envolvido na lama, na sujeira, ou seja, enquanto o desconhecido sente-se perdido na noite escura, Roquentin parece estar atolado na lama dessa cidadezinha. Ele também é um estrangeiro nessa terra, está ali com o propósito de escrever a biografia de um personagem ilustre do local. Desiste quando percebe que, já que esse personagem ilustre está morto, não valer mais a pena escrever sobre ele. Ao se dar conta disso, percebe a gratuidade da vida, ou seja, Roquentin compreende que não existe sentido para a existência humana, de nada vale viver para depois morrer. É quando lhe ocorre a “náusea”, sentimento provocado quando os indivíduos se dão conta da falta de sentido para a vida. Por meio da narrativa literária, Roquentin busca o sentido para a vida, estabelecendo no seu diário metafísico, a problemática da sua existência.

Para Benedito Nunes (2006), essa intuição da existência antecipa a filosofia de Sartre, baseada no método fenomenológico, assentado por Edmund Husserl: a descrição dos estados de consciência como atos vividos, com fundamento no caráter excêntrico da subjetividade, aproveitada nos registros psicológicos da crise de Roquentin. Enquanto escrevia “*A náusea*”, o romancista travou contato com a Fenomenologia, que lhe inspirou a ideia. Foi então que se aproximou do livro de Heidegger, “*Ser e tempo*” (*Sein und Zeit*), publicado em 1927, no qual esse discípulo de Husserl aplica o método fenomenológico à análise da existência humana, para

esclarecer o problema do ser em geral, tomado do antigo ramo da Metafísica denominado Ontologia.

A segunda razão refere-se ao engajamento da filosofia sartriana; ao existencialismo como Humanismo e à liberdade do ser. Havia um horizonte ético na sua escrita e havia uma atividade participante do escritor. Do engajamento dependia o destino dos homens, por isso enfatizá-lo em suas obras. Ele era comprometido mesmo com as causas sociais. Defendendo a paz durante a revolução cubana, na década de 1960, protestando contra a invasão da Hungria e da Tchecoslováquia por tropas russas, reprovando os crimes de guerra no Vietnã ou a tortura na Argélia, Sartre punha em prática o seu humanismo militante. Sua obra literária e filosófica de se distingue por esse mesmo respeito à verdade humana. É, antes de tudo, uma filosofia humanista, como quer o próprio filósofo, porque pretende, antes de tudo, levar em consideração o homem e a consciência de sua existência. Para Jennifer Hornsby (1988, p.1), Sartre foi um teórico da ação.

E a última razão destacada está no papel de Sartre como escritor, pois, para Nunes (2006), poucos homens de nossa época terão vivido de maneira tão intensa e dramática o papel do escritor. Poucos, assim, terão essa honestidade do humanista militante que tanto lutou pela liberdade.

Por outro lado, o cultivo da poesia de Rainer Maria Rilke no suplemento *Arte-Literatura* por intermédio das traduções de poemas e de artigos de crítica, e o diálogo com os rapazes da *Turma do Central* gerou um fundo afetivo e irracional do lirismo, que é uma característica marcante na poesia Rilkeana. Um lirismo que também pode sair dos quadros artísticos ou puramente estéticos e adquirir um sentido social, influenciando até mesmo sobre os movimentos políticos. Para Cannabrava (1947) este lirismo não permanece indiferente ao destino do homem e aos problemas cotidianos da existência, apesar de transportar o homem para uma atmosfera rarefeita, muito acima do ruído das competições e do entrelaço de interesses subalternos.

As “*Elegias de Duíno*”, uma de suas principais criações, propõem, de acordo com Cannabrava (1947), alguns conceitos e imagens metafísicas, não tradicionalmente religiosas senão dotados de uma metafísica poética, fruto de uma imaginação humana assumida como tal. Consoante Campos (2001), Rilke, que se opunha cada vez mais ao cristianismo durante a composição das elegias, inventou uma proposição metafísica própria, nem cristã, nem teológica, inteiramente poética: os anjos como criaturas ideais ou homens que, com a morte, se transformam em seres majestosos, transfigurados. Frutos da morte, gozam de uma existência perfeita, sobre-humanamente plena. As “*Elegias de Duíno*” condensam uma riquíssima experiência poética e existencial, à qual estão ligados episódios e experiências da própria vida do poeta. Na

visão de Saraiva (1984), as *Elegias* representam a obra culminante realizada pelo poeta na segunda fase da sua evolução. Nela está condensada toda a sua experiência artística e humana, os dramas de sua vida, o problema do amor e a concepção da vida e da morte como um todo inseparável no tempo, dentro do qual existimos ou deixamos de existir.

O anjo rilkeano, muito presente nas *Elegias*, é um super-homem, cuja contemplação permite, por um lado, uma desolada perspectiva crítica frente às limitações e deficiências do mundo real, da natureza humana e da sociedade; e de outro lado, o vislumbre de formas de existência e transcendência humana de maior plenitude e significado. Para Rilke (1975, p. 66):

O anjo das *Elegias* não tem nada a ver com o anjo do céu cristão; [...] o anjo das elegias é esse ser que testemunha, no invisível, uma realidade mais alta: eis porque ele é terrível para nós – que o amamos e servimos, e, todavia estamos restritos às fronteiras do visível.

O anjo, nas *Elegias*, no entendimento de Paes (1993), representa tanto o terrível quanto o radioso: representa a morte precoce, a terribilidade do anjo, o desamparo existencial do homem, as amantes abandonadas, a continuidade entre a vida e a morte, o mito da origem da música e da poesia. Ainda segundo Paes (1993, p. 33), “ao longo das *Elegias duinenses*, os contrários se alternam não para se negarem, mas para se completarem – anjo e homem, dor e júbilo, lamentação e celebração, visível e invisível, vida e morte, terrestre e metaterrestre”. O anjo das *Elegias* é aquela essência que se oferece como fiadora para reconhecer no invisível uma categoria mais elevada da realidade. E acreditando que a sua vida nada significaria sem a escrita, então, afirma Rilke (1975), o homem teria que construir a sua vida segundo esse ímpeto, ela teria que se converter em testemunho dessa necessidade. Para Thorlby (1952), a renúncia ao reconhecimento exterior, numa palavra, a solidão, é vista por Rilke como a única forma do homem eventualmente encontrar ou não o poeta que habita dentro de si.

Grande parte do êxito da poesia de Rilke nos anos de 1940-50 se deveu não somente a seu valor estritamente poético, mas porque oferecia uma resposta semirreligiosa à cultura europeia, que havia se tornado muito crítica do cristianismo, mas não sabia nem podia viver uma existência sem densidade nem soluções religiosas. Conforme Saraiva (1984), descontente com as soluções cristãs aos problemas da transcendência, da morte, da carne e da vida, o poeta buscou uma poesia profética que instrísse novas soluções. Na verdade, Rilke oferecia respostas à cultura ocidental, por isso sua influência não ter se reservado somente ao continente europeu.

Para Lang (1958) não é surpresa para os entendidos em literatura que a França foi a influência capital na evolução artística de Rilke. Mais do que Goethe, Heine, Schopenhauer e, inclusive Nietzsche, Rilke viu a cultura francesa como a *higher kind*. Sua admiração pela linguagem com sua rigorosa e elegante precisão seu amor pela cidade, especialmente Paris, pode-se ver expressos na volumosa obra. Menos divulgado, no entanto, é que o poeta foi influenciado em seus últimos anos por uma insaciável vida livresca, quase exclusivamente francesa. Em grande parte de sua vida não foi um apaixonado por leitura, inclusive, em seus anos de aprendiz de intelectual, antes da I Guerra, limitou sua leitura principalmente em Maeterlinck, Baudelaire, Verlaine, Jammes, Maurice de Guérin, Anna de Noailles, e seus amigos pessoais Verhaeren, Gide e Vildrac. Com exceção de alguns meses em serviço militar na Áustria, Rilke passou os anos de guerra na Alemanha, em Munique. Nesses anos o poeta falou constantemente de uma "estiagem" espiritual. Essa esterilidade criativa, Rilke atribuiu em grande medida ao seu afastamento da França.

Tal como afirma Leite (1977), seu existencialismo introspectivo, com muito conteúdo simbolista, influenciou poetas do Brasil após a I Guerra e, principalmente, depois da II Guerra, entre modernistas da chamada geração de 45, provavelmente por meio das traduções de Paulo Quintela, que, independente da qualidade, era de um modo ou de outro uma aproximação efetiva. Havia também as traduções de Dora Ferreira da Silva, Cecília Meireles, João Accioly e Lina Paranhos e do belo ensaio de Cristiano Martins, "*Rilke, o poeta e a poesia*"; um outro estupendo fruto: o conjunto de poemas que Vinícius de Moraes escreveu no fim dos anos 30 e início dos anos 40. Trata-se das "*Cinco elegias*" e das muitas peças incluídas nos "*Poemas, sonetos e baladas*".

No Estado do Pará, o contato se deu com a criação do suplemento literário da *Folha do Norte*. Algumas de suas poesias foram traduzidas tanto pelos paraenses quanto por intelectuais de outros Estados brasileiros e publicados no Suplemento *Arte-Literatura*. Pode-se citar a tradução, por Paulo Plínio Abreu, do poema III de "*O Livro das Horas*"; em 1946; a de "*Torso Arcaico de Apolo*"; por Manuel Bandeira, em 1946; a tradução de "*A grande noite*" ; por Mário Faustino, em 1949; dentre outros. Na esteira do existencialismo rilkeano alguns *novos* paraenses faziam a sua poesia e promoviam novos caminhos para a ideia de poesia e para uma nova visão sobre o entendimento da existência humana.

Essa experiência histórica, o diálogo com a literatura contemporânea dos anos 40 foi importante para a formação da literatura da *Turma do Central*, uma literatura que procurou romper com o passadismo cultivado na vivência durante o funcionamento da *Academia dos Novos*, quando negava, por desconhecimento, o

movimento modernista dos ícones da Semana de 22 e dos poetas paraenses das gerações de 20 e 30. Num primeiro momento os jovens poetas buscaram a negação, a ruptura, o que caracterizaria, para o sempre repetido Karl Marx³, uma tragédia; e num segundo momento tentaram reavê-la, reproduzi-la, o que para o filósofo seria uma farsa. Para Marx, a tragédia implica ruptura, negação e superação de uma situação real, isto é, aproxima-se da noção de revolução, enquanto a farsa é a tentativa de reabilitar o que foi demolido, apresentando-se como um momento em que a consciência da mudança firma-se com clareza e se esclarecem os caminhos do futuro. Na verdade, a repetição não é o retorno do mesmo: funciona historicamente como a tomada de consciência de que o passado não pode ser restaurado porque o novo já se instituiu, e por isso não pode haver repetição.

Certamente a história não se repete e o modernismo da Semana paulista não se repetiu em Belém na década de 1940. Quando os jovens da *Academia dos Novos* se tornaram modernistas a partir da base do modernismo paulista o momento não era mais o mesmo, logo, o resultado foi que a poesia modernista tomou rumos díspares que caracterizaram a chamada geração de 45. Haroldo Maranhão (1946, p. 4) em "*O último dos Modernistas*" lamenta não ter conhecido antes a liberdade expressional de um movimento que já havia virado história. Talvez deva ter sido esse atraso de mais de vinte anos de "incompreensão coletiva" que, junto a outros elementos do contexto histórico, tenha feito com que a poesia dos jovens paraenses dos anos 40 não continuasse o fazer poético da geração de 22, pelo contrário, tenha feito com que fizessem uma poesia modernista baseada nas novas tendências da poesia contemporânea. No movimento dialético da história muitas particularidades do modernismo de 22 não tiveram continuidade e outras foram conservadas. Pontos fortes tais como a valorização da cultura nacional e dos sujeitos regionais ficaram para trás; mas a liberdade da expressão continuou, mas com um pouco de formalismo. Haroldo Maranhão naquele momento afirmava que:

Há uma grande expectativa de renovação. Renovação que se presente em todos os gêneros, principalmente na ficção, onde a técnica vai adquirindo um sentido novo limpo de reminiscências. O conto, por exemplo, é agora mais psicológico e menos objetivo. A poesia, de outro lado, não é a mesma, não falo da que apareceu por ocasião da decantada Semana de 22, informe e caricatural, mas da que sucedeu a esses exageros de revolução, adquirindo a sua definida estrutura e a sua característica posição histórica (MARANHÃO, 1946, p. 4).

O novo grupo, agora modernista e com novos instrumentos de divulgação, buscou em fontes existencialistas e simbolistas as novas diretrizes e as novas matrizes

intelectuais para a construção de uma nova poesia e de uma nova vida literária. Autores como Mallarmé, Rimbaud, Baudelaire, T. S. Eliot, Sartre, Rilke ganharam um amplo espaço na poesia dos jovens da *Turma do Central*. A literatura desse grupo ganhou um ar de desencanto com o passado recente da história nacional e regional, não somente no que diz respeito ao passado literário contaminado pela Revolução de 30, quando os modernistas adentraram no aparelho estatal e passaram a reproduzir as mentiras do nacionalismo varguista; mas também pelas mentiras dos politíqueiros demagogos. A filosofia e a literatura, de inspiração existencialista, buscada pelos jovens da *Turma do Central* teve grande aceitação nessa nova fase da literatura paraense, sobretudo devido ao diálogo com a filosofia de Sartre e com a poesia de Rainer Maria Rilke. Estes dois intelectuais tiveram grandes “seguidores” no meio literário paraense dos anos de 1940, dentre os quais podem ser destacados Benedito Nunes e Mário Faustino, o primeiro cultivando um maior contato com a filosofia de Sartre e o segundo com a poesia de Rilke.

Para Maués (2002) o Suplemento paraense estabeleceu os caminhos para a relação entre as tendências do Modernismo local e o internacional. Havia conexões diretas com outros países através de correspondentes que enviavam artigos de crítica literária especialmente para o suplemento paraense. Era o caso do *Copyright do Serviço Francês de Informação*. Deste modo, o grupo do suplemento pôde, desta maneira, atualizar a sua literatura com as mais novas discussões acerca da arte literária, a qual se preocupava intensamente com os problemas da existência do ser humano. Essas eram questões literárias impulsionadas pelas mazelas proporcionadas pelas batalhas da Segunda Guerra Mundial, principalmente. Os anos 40 foram marcados pelo crescimento de uma filosofia existencialista que influenciou sobremaneira a literatura do pós-guerra, principalmente por meio dos escritos engajados do francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), e da poesia lírica, simbolista e espiritual do poeta e novelista Auto-germânico Rainer Maria Rilke (1875-1926).

Foi também no suplemento literário da *Folha do Norte* que essa nova geração paraense, segundo Nunes (2005, p. 291), incorporou extemporaneamente o modernismo, restaurando as suas fontes, paulistas e seus derivados cariocas e mineiros, “sem entreter a menor relação com os pioneiros paraenses da *Belém Nova*, excetuando-se o poeta Bruno de Menezes”⁴. Nunes afirma, ainda, que o suplemento reintroduziu o modernismo no Estado, o qual já havia sido difundido, sem o conhecimento do seu grupo, a partir dos anos 20, pela revista *Belém Nova*. Mas se o suplemento reintroduziu o modernismo, então é cabível entender que este, nos anos 40, não existia mais como movimento, isto é, já fazia parte dos compêndios escolares. Uma das razões para isso decorre da ida de muitos pioneiros, como Eneida de Moraes, ainda nos anos 20, para

o Rio de Janeiro⁵.

O desconhecimento de duas décadas acerca da Semana de 22 não impediu que esse grupo de jovens, ávidos por literatura, se tornasse uma referência para a literatura local. E ao contrário de outros grupos de mesma geração, tal como o grupo paulista *Clima*, a *Turma do Central* pusera-se efetivamente como modernista, e não como um grupo de críticos, característica marcante da *Geração de 45*. Na visão de Nunes (1992), tal distanciamento promoveu uma particularidade no grupo paraense, que foi a não adesão à turbulência com os grupos antecessores, pois para Nunes, uma geração implica pelo menos a geração antecessora imediata, da qual só conheceram Bruno de Menezes. O já bastante citado Suplemento mostra o cruzamento de interesses, mostra os mais diversos intelectuais de diversas partes do país e suas diferentes formas de sensibilidade da poética modernista. O suplemento também refletiu um sentimento de pertença ao modernismo, que foi sobejamente cultivado pelos *novíssimos* paraenses da *Turma do Central*.

O suplemento *Arte-Literatura* foi o suporte dessa nova escrita preocupada com os problemas da existência, e foi também o suporte de um sentimento geracional que propulsava a novos olhares sobre literatura, história, existência e sobre a relação entre indivíduo e estrutura social. Sustentou em suas páginas todo o fardo da construção de uma identidade literária de um grupo que buscava estabelecer-se no cenário cultural da Belém da década de 1940.

O periódico belenense foi de suma importância para a construção da identidade grupal dos jovens paraenses, pois até então eles não passavam de um grupo de jovens poetas desconhecidos localmente e isolados da literatura de outros Estados. Para Coelho (2005, p. 147), “o Suplemento Literário da *Folha do Norte* foi uma realidade influente com os intelectuais da região e deu vez ao melhor da poesia, da ficção e da crítica daqueles anos”. De acordo com Maranhão (1990) o suplemento abriu espaço para a literatura e não para a subliteratura, para o sério e permanente, e não para a literatura sem valor. E certamente a literatura parnasiana não tinha muito espaço no encarte, pois esta não se tratava de uma coisa nova, moderna, além de não abarcar os temas sobre o indivíduo. E a condição humana na sociedade moderna esteve intensamente imprimida na poética da geração modernista do após segunda guerra mundial. Ora com um existencialismo introspectivo, ora com um mais engajado, a geração de 45 exprimiu poeticamente a supressão, o desrespeito e a violação da vida cotidiana e da essência do indivíduo, sobretudo por intermédio da influência das obras de Sartre, Rilke, Heidegger, T.S. Eliot, Baudelaire, Whitman, Rimbaud, Mallarmé, Yeats, Erza Pound e Merleau-Ponty.

Benedito Nunes era um dos que fazia parte dos poetas mais comprometidos

socialmente, e publicou vários poemas e artigos de crítica literária e filosofia no suplemento. Pendia poeticamente e filosoficamente, já nos anos 40, para o existencialismo de caráter mais social, engajado. Em *Ação e poesia* (parte I) (1947, p. 3), trata das atitudes do homem, como um ser que vive num plano avançado de conhecimento, e que, portanto, possui a capacidade de reagir às perplexidades do cotidiano da humanidade no sentido de buscar a liberdade do indivíduo perante a exploração promovida pela estrutura social do capitalismo. Nesse texto Benedito Nunes afirma que o homem passou a lidar com o dever, e as obrigações passaram a interessar apenas ao indivíduo, e não à pessoa humana. Pode-se citar como exemplo dessa literatura engajada o artigo *Considerações sobre A Peste*, onde Nunes (1951, p. 2) faz uma análise do romance *A Peste*, de Albert Camus, e onde reafirma essa questão do homem frente à estrutura capitalista. Neste caso, o autor ressalta que a única potência capaz de arrancar o homem do desespero é o heroísmo que vem da negação da fé, e que se fundamenta na necessidade de viver, característico ao homem contemporâneo. Tal heroísmo, afirma Nunes, surge como consequência direta de uma reflexão pessimista em torno da situação humana.

O existencialismo ligado aos problemas sociais teve muita influência do marxismo, quando Sartre teria assumido que a sua filosofia da existência possuía convergências com o marxismo. Para Labin (1947) a obra de Sartre mostra um mundo global e popular, por isso ser tão aceita em diversas culturas. É até difícil definir tamanha influência que ela exerceu no pensamento ocidental, principalmente. Sua filosofia existencialista ultrapassou fronteiras culturais e físicas; influenciou a poesia de grupos literários; redefiniu a filosofia de muitos pensadores.

O existencialismo sartriano converge para o marxismo. Sartre (1979, p. 29) demonstra isso em sua obra *Marxismo e Existencialismo* quando afirma que “existencialismo e marxismo visam o mesmo objeto, mas o segundo absorveu o homem na ideia e o primeiro procura-o por toda a parte onde ele está, no seu trabalho, em sua casa, na rua”. Enfatiza a questão da história como sendo o meio pelo qual tanto o marxismo quanto o existencialismo buscam descobrir as verdades através da experiência do ser.

Diversamente de Benedito Nunes, com um toque rilkeano e, pois, mais introspectivo, aparece o poeta Mário Faustino (1930-62). Era um dos mais jovens, senão o mais jovem poeta da *Turma do Central*. Para Chaves (2004), a vida de Faustino foi marcada pela precocidade. Nascido no Piauí, Faustino mudou-se para o Pará ainda na infância. Caçula de família composta por 20 filhos, o poeta viveu em Belém com o irmão mais velho, a quem o poeta chamava de pai. Logo aos 16 anos, trabalhou no jornal *A Província do Pará*. Antes de seguir para o Rio de Janeiro,

ganhou bolsa de estudos, e, aos 21 anos, seguiu para os Estados Unidos, onde estudou língua e literatura inglesas. Na capital paraense, envolveu-se com movimentos literários e intelectuais da região e acabou conhecido em outros Estados.

Faustino tornou-se um dos maiores representantes da poesia contemporânea em Belém, expressando como poucos os temas da poesia de inspiração existencialista. A poesia de Faustino era bem elaborada, pois era dedicado ao estudo da arte literária. Em sua obra podem-se observar temas tais como o da morte, do amor, da eternidade e da fugacidade, além das figuras da rosa e do anjo. Vejam-se os poemas *1º motivo da Rosa* e *2º motivo da Rosa* (1948, p. 2):

Da rosa somente a pétala inconsútil
Inamissível lembrança
Onde o perfume e a cor incompassiva?
A beleza é apenas a passagem divina
Impiedosa e fugaz.
(1º motivo da rosa)

A rosa adormecida sonha, sonha e sonha.
Por que surgiu a rósea rosa sonhando?
Veio para que o poema com suas pétalas sensíveis
Intocável e úmido orvalho.
Veio para que ficasse a sonolenta imagem
De qualquer coisa livre livre livre
Voluntariamente presa a um caule
Apenas para uma noite de sono.
(2º motivo da rosa)

Seus versos têm musicalidade, forma elíptica e lapidar, e dispensa a comparação e a descrição. No primeiro há a transitoriedade da vida e da beleza; no segundo a rosa lembra a beleza guardada na memória, origem do poema e que dele renasce. Nunes (1986) entende que a rosa era o símbolo do invisível, semelhante ao mensageiro das coisas transcendentais, o anjo.

O tipo de linguagem subjetiva, encontrada facilmente em Faustino, é característica marcante na poesia de Rilke, que possuía um ar atormentado pelos enigmas do mundo invisível, pelas manifestações do sobrenatural; uma arte mórbida, inclinada a decifrar os segredos do destino, as charadas da vida e da morte⁶. Através da sua poesia, com devaneios, imagens sonolentas e sensíveis e a beleza, Faustino

exterioriza, com seu estilo introspectivo, a expressão das novas tendências da literatura contemporânea. Sua poesia, para Muller (2000), foi primeiramente influenciada por Baudelaire, Rimbaud, Rilke, Lorca, Cecília Meireles e Fernando Pessoa. Depois vieram as influências inglesas contemporâneas, dentre os quais se destacam T.S. Eliot, Cummings, Hart Crane, Dylan Thomas e Erza Pound; logo depois sofreu o impacto do francês Saint-John Perse. Mas a influência mais visível foi certamente a de Rilke⁷.

Como já foi afirmado, Sartre e Rilke estão entre as principais matrizes existencialistas na poesia da nova geração de modernistas paraenses. Artigos nacionais, internacionais, e tradução de obras de ambos foram amplamente publicados no Suplemento *Arte-Literatura*, fato que contribuiu para o diálogo entre essa literatura estrangeira e os poetas da região. O diálogo foi a chave para uma nova forma de ver a realidade presente e passada, criticá-la e também negá-la. Uma desilusão movida a traumas e medos de uma história recente. Para Figueiredo (2003, p. 268), “os literatos teriam passado a ver na sociedade um verdadeiro objeto de reflexão e que, na política ou nas artes, eles tinham o dever de discutir a realidade do povo brasileiro a partir de suas ‘próprias diretrizes’”. Tais diretrizes foram construídas a partir de uma história eivada de caminhos tortuosos, abertos por um grupo de jovens que detinham ideias novas e diversificadas e um instrumento dominical para materializá-las.

Benedito Nunes e Mário Faustino são exemplos do diálogo com a literatura existencialista e da evidente diversidade de direções tomadas pelos amigos da *Turma do Central*. Com efeito, não houve somente um rumo para a chegada ao modernismo. Para Figueiredo (2003), o processo de descoberta das ideias modernistas parece ter acontecido de maneira diversa entre os confrades da *Academia dos Novos*. Diferentemente do que ocorreu nos rígidos métodos e rituais seguidos à risca pelos parnasianos da *Academia*, a liberdade de expressão modernista imperou nas mentes desses jovens recém-convertidos à literatura moderna, não sendo, pois, mais necessárias as normas de postura, de escrita e da fala.

O Suplemento Literário *Arte-Literatura* foi suporte dessa nova escrita. Coube a ele levar ao leitor comum de jornal as novas ideias trazidas e/ou literalmente buscadas por poetas ansiosos por renovação e modernização tanto da poesia quanto das ideologias. Buscavam uma nova maneira de ver e fazer a história, uma história, para Martins (1947), distante das falsas promessas dos politiquinhos anacrônicos dos anos 30 e das velhas lições moralistas.

O Suplemento, portanto, comportou essa literatura existencialista, essa escrita crítica, atônita e agônica, esse sentimento de desilusão à história recente. É imenso, por tudo o que foi dito, o significado histórico desse suplemento tanto para o grupo que o criou quanto para a escrita da história do modernismo paraense (CANGUSSU,

2010).

Os intelectuais do periódico paraense buscaram uma arte que deixasse de lado o nacionalismo tão forçosamente cultivado pela geração de 30; os regionalismos e a valorização da cultura dos anos 20. A poesia tornou-se mais psicológica, eivada de símbolos e imagens obscuras, de lugares recônditos e uma existência a decifrar. Apesar de buscar nos ícones do modernismo brasileiro a inspiração para a escrita de uma poética modernista, essa geração paraense não continuou o empreendimento das gerações dos anos 20 e 30. O que houve foi o movimento dialético da história, um movimento de ruptura e de conservação entre as gerações, onde os exágeros ficaram para trás e a ingenuidade política também.

Um desencanto em relação ao seu passado recente certamente fez com que esses jovens tivessem uma atitude perante a vida, pois não queriam permitir que a história se repetisse e trouxe mais sofrimento à sociedade e mais amarras à arte. Adentrando no campo político Martins (1947, p. 4) resume o sentimento de sua geração:

Iludida com a mentira política de 1930, atônita diante do morticínio de 39-45 e do babelismo que dele adveio, desconfiada com as conferências de paz, a nova geração, antes de tudo, não crê em ninguém, senão em si mesma. Cansados das velhas lições moralistas, revoltados com o cinismo demagógico dos politiquieiros anacrônicos, esses jovens poetas-deputados, escritores-congressistas, artistas-líderes populares, traçaram suas próprias diretrizes.

Consideravam-se os *novos* e não almejavam convergências com outras gerações, apesar de terem convivido bem com poetas da geração passada. Isso fica claro nas palavras de Bernardo (1947), quando afirma que a nova geração do Pará era uma geração liberta, e como tal não teve orientadores. Para o poeta essa geração “desajudada realizou o seu ideal, combatida traçou as suas diretrizes; errando aqui, indecisa ali, acertando acolá, mas sempre guiando solitária o seu destino e inteligência, a sua esperança e inquietação” (BERNARDO, 1947, p. 4).

Buscaram uma autonomia intelectual para não depender das heranças vindas de um tempo obscuro da história. O existencialismo tanto de Rilke quanto o de Sartre suscitaram essa atitude geracional perante a poesia e perante a realidade. O fim da guerra abriu o espaço e o existencialismo entrou com as novas ideias de liberdade e da existência do homem. A redemocratização, 1946, entrou em cena e a *Turma do Central*, com o seu suplemento, iniciou uma das mais importantes fases da história da literatura paraense. Entre 1946 e 1951 o suplemento *Arte-Literatura* foi o suporte de uma nova escrita, uma escrita que negava as heranças “malditas” e valorizava

aquilo que contribuiu para o entendimento, não da nação, mas do ser.

Pode até parecer algo idiossincrático a ideia de um grupo de jovens com menos de vinte discutindo literatura francesa e poesia alemã na Belém dos anos 40 do século XX. Mas na verdade era muito mais do que isso, era uma arma de atuação na arena cultural e no embate político, não um diletantismo jovem, como muitos pensavam.

NOTAS

- ¹ Mestre em História Social da Amazônia (UFPA). Professor da UEMASUL – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão.
- ² “Muitas vezes surpreendido, de pé à minha nova/janela, eu te admirava. A cidade desconhecida/era-me ainda como proibida, e a paisagem/surda às palavras, pouco a pouco escurecia/como se eu não estivesse lá. As coisas perto/não procuravam ser compreendidas. O candeeiro/levantava uma ponta de rua. Ela era estrangeira”.
- ³ Observe a conhecida afirmativa de Marx no O 18 Brumário de Luís Bonaparte: “Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira como tragédia, a segunda como farsa”. (MARX, 1978, p. 329).
- ⁴ Cf., do mesmo autor: Bruno de Menezes: inventor e mestre. Revista Asas da Palavra, Belém: Unama, v. 10, n. 21, semestral. 2006. p. 37-44. Neste artigo o autor afirma: “em nossa memória literária ficará Bruno de Menezes. Ficarão não apenas como escritor de sua geração, a da revista Belém Nova dos anos 20, mas como um dos melhores poetas do Brasil setentrional, inventor e mestre na arte da palavra”.
- ⁵ Para um estudo mais apurado acerca do modernismo paraense dos primeiros anos do século XX até o final dos anos 20, ver: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20. Belém: Instituto de Artes do Pará, 2012.
- ⁶ Cf., BENEVIDES, Walter. Rilke ou a Convivência com a Morte e outros ensaios. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1976.
- ⁷ Cf., NUNES, Benedito. A poesia de meu amigo Mário. In: BOAVENTURA, Maria Eugênia (Org.) Mário Faustino: o homem e sua hora e outros poemas. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

REFERÊNCIAS

- ARTINIAN, Robert W. Sartre's Nineteenth Century: A Critique of His Criticism. *South Atlantic Bulletin*, v. 37, n. 1, Jan. 1972. p. 39-45.
- BALENSI, Jean. No tempo do simbolismo. *Folha do Norte*. Belém, 7 de setembro de 1946. Suplemento Arte-Literatura, n. 11.
- BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis (orgs.) *Intelectuais: sociedade e política*, Brasil-França. São Paulo: Cortez, 2003.

BERNARDO, Cléo. Posição e destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 05 de outubro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 45, p. 4. Entrevista.

BLANC, Dina. Mallarmé on the press and literature: "Étalages" and "Le Livre, instrument spirituel". *The French Review*, v. 71, n. 3, 1998, p. 414-424.

BROOKNER, Anita. Art Historians and Art Critics - VII: Charles Baudelaire. *The Burlington Magazine*, v. 106, n. 735, French Nineteenth-Century Painting and Sculpture, 1964, p. 269-279.

BROWN Jr., Stuart M. The Atheistic Existentialism of Jean-Paul Sartre. *The Philosophical Review*, v. 57, n. 2. 1948, p. 158-166.

CAMPOS, Haroldo. *Coisas e anjos de Rilke*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

CANGUSSU, Dawson. S. Do livro datilografado ao jornal impresso: suplemento literário da Folha do Norte - uma evolução no suporte do escrito e da escrita em Belém do Pará, 1942-1951. *Ars Historica*, v. 1, p. 25-33, 2010.

CANNABRAVA, Euryalo. Rilke e a poesia lírica. *Folha do Norte*. Belém, 13 de abril de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 25, p. 2.

CAROLLO, Cassiana Lacerda (org.). *Decadismo e Simbolismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.

CHAVES, Lilia Silvestre. *Mário Faustino: uma biografia*. Belém: Secult, 2004.

COHEN-SOLAL, Annie. *Jean-Paul Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 2005.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

FAUSTINO, Mário. 1º motivo da rosa e 2º motivo da rosa. *Folha do Norte*. Belém, 25 de abril de 1948. Suplemento Arte-Literatura, n. 76, p. 2.

FIGUEIREDO, Aldrin M. Querelas esquecidas: o Modernismo brasileiro visto das margens. In: PRIORE, Mary Del; GOMES, Flávio dos Santos. *Os Senhores dos Rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

FOWLIE, Wallace. Legacy of Symbolism. *Yale French Studies*, n. 9, Symbol and Symbolism, 1952, p.20-26.

FRANKLIN, Ursula. The Angel in Valéry and Rilke. *Comparative Literature*, v. 35, n. 3, Summer. 1983. p. 215-246.

FRYE, Northrop. Three Meanings of Symbolism. *Yale French Studies*, n. 9, Symbol and Symbolism, 1952, p.11-19.

GONDOS Jr., Victor. Army Historiography in the Second World War. *Military Affairs*, v. 7, n. 1,

1943. p. 60-68.

GOSSE, Edmund. Baudelaire. *The Burlington Magazine for Connoisseurs*, v. 31, n. 175, 1917, p. 131-134.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 923.

HORNSBY, Jennifer. Sartre and Action Theory. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 48, n. 4, Jun. 1988.

HUGHSDON, P. J. Phenomenal Symbolism in Art. *Mind, New Series*, v. 29, n. 114, Apr., 1920, p. 186-206.

LABIN, Suzanne. A arte literária de Jean-Paul Sartre. *Folha do Norte*. Belém, 13 de abril de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 25, p. 1 e 3.

LANG, Renée. Rilke and his French contemporaries. *Comparative Literature*, v. 10, n. 2, 1958, p. 136-143.

LEITE, Antonio Roberto de Paula. *Antologia poética de Rainer Maria Rilke*. São Paulo: Sociedade Imprensa Pannartz, 1977.

MARANHÃO, Haroldo. Apontamentos literários. *Folha do Norte*. Belém, 20 de outubro de 1946. Suplemento Arte-Literatura, n. 14, p. 4.

MARANHÃO, Haroldo. O último dos modernistas. *Folha do Norte*. Belém, 05 de maio de 1946. Suplemento Arte-Literatura, n. 1, p. 4.

MARTINS, Max. Posição e destino da literatura paraense. *Folha do Norte*. Belém, 07 de dezembro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, nº. 55, p. 4. Entrevista.

MARTINS, Wilson. Retorno às fontes da poesia. *Folha do Norte*. Belém, 13 de abril de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 25. p. 04.

MAUÉS, Júlia. *A modernidade literária no Pará: o suplemento literário da Folha do Norte*. Belém: UNAMA, 2002.

MENDES, Francisco P. Notas para uma conferência sobre a poesia contemporânea. *Folha do Norte*. Belém, 01 de junho de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 28. p. 1.

MOISÉS, Massaud. *O Simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1973.

MULLER, Luciana Martins. *Tensões de crítica e de poesia em Mário Faustino*. 2000. 173 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – USP, São Paulo, 2000.

NEWMAN, Fred. The origins of Sartre's existentialism. *Ethics*, v. 6, n. 3, 1966, p. 178-191.

NUNES, Benedito. *O mito Jean-Paul Sartre (necrológio)*. Disponível em: <www.trilhasdacultura.com.br/n1/sartre.htm>. Acesso em: 23 jun. 2006. [Entrevista].

_____. Meu caminho na crítica. *Estudos Avançados*, v. 19, n. 55, set./dez. 2005.

_____. Prefácio: Max Martins, Mestre-Aprendiz. Belém: Ed. Cejup, 1992.

_____. Ação e Poesia I. *Folha do Norte*. Belém, 01 de junho de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n. 28, p. 3.

_____. Considerações sobre A Peste. *Folha do Norte*. Belém, 14 de janeiro 1951. Suplemento Arte-Literatura, n. 165, p. 2.

_____. *A obra e a crítica de Mário Faustino*. Belém: Cejup, 1986.

OSBORN, Catherine B. Mystic Fusion: Baudelaire and le sentiment du beau. *Modern Language of American*, v. 88, n. 5, Oct., 1973, p. 1127-1136.

PAES, José Paulo. *Rainer M. Rilke*. Poemas. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RILKE, Rainer M. Poemas e Cartas a um jovem poeta. Trad. Geir Campos e Fernando Jorge. Rio de Janeiro: Ediouro, 1975. (Sabedoria e Pensamento).

SARAIVA, Arnaldo. *Para a história da leitura de Rilke em Portugal e no Brasil*. Porto: Edições Árvore, 1984.

SARTRE, Jean-Paul. *A Idade da Razão: os caminhos da liberdade I*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. *A náusea*. 4. ed. Trad. de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Sartre: os Pensadores*. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. Marxismo e Existencialismo. In: *Questão de método*. 4. ed. São Paulo: Rio de Janeiro: Difel, 1979. p. 29.

SCHMIDT, Augusto Frederico. Baudelaire segundo Sartre. *Folha do Norte*. Belém, 05 de outubro de 1947. Suplemento Arte-Literatura, n 45.

SHANKS, L. Piaget. Baudelaire and the Arts. *Modern Language Notes*, v. 41, n. 7, 1926, p. 439-443. p. 442.

THORLBY, Anthony. Rilke and the ideal world of poetry. *Yale French Studies*, n. 9, Symbol and Symbolism, 1952. p. 132-142.

WILDER, Amo N. Mortality and Contemporary Literature. *The Harvard Theological Review*, v. 58, n. 1, 1965, p. 1-20.

YOVEL, Yirmiahu. Existentialism and Historical Dialectic. *Philosophy and Phenomenological Research*, v. 39, n. 4, Jun. 1979. p. 480-497.